

ENTREVISTA: Sidney Possuelo

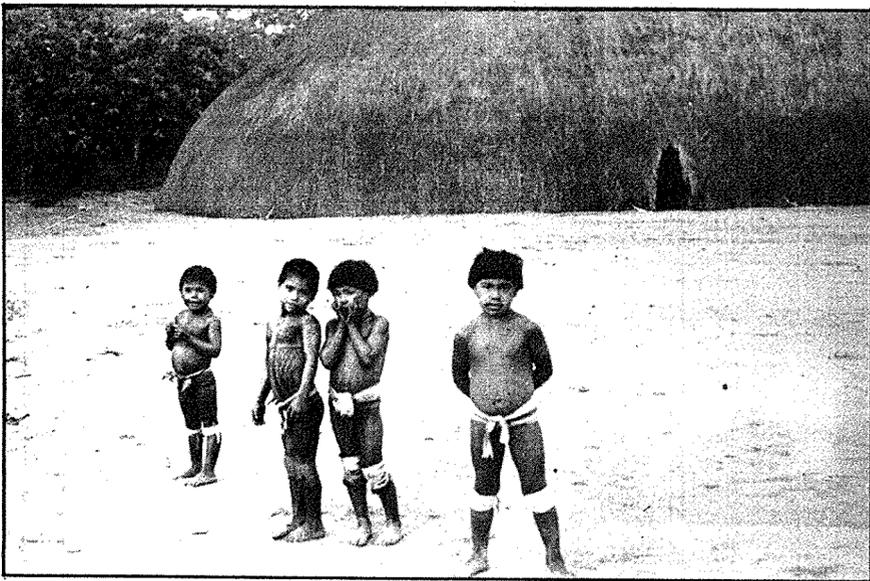
# Todo dia era dia de índio. E hoje em dia?

∇ Maria Cristina Siqueira

**"O Rio de Janeiro, que é um estado potencialmente rico, ainda mantém seus índios em situação de grande constrangimento". É o que pensa Sidney Possuelo, presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai). Em entrevista exclusiva ao Terceiro Caderno, ele analisa a situação dos índios fluminenses, fala das atividades da fundação para que tenham suas terras demarcadas, denuncia o retorno dos garimpeiros às terras yanomamis, em Roraima, diz que a imprensa falou com a verdade no caso Paikakan e adverte que os índios perderão com a queda do presidente Collor.**



Possuelo lamenta que tenha sobrado pouco do índio no RJ, mas garante que a Funai se preocupa com a região



**O FLUMINENSE** — A Funai tem alguma política específica para os índios do Rio de Janeiro?  
**SIDNEY POSSUELLO** — A política da Funai está estabelecida em lei e não é seu presidente que faz a política. O que ele pode fazer é dar destaque a este ou aquele aspecto da política. Mas a política está estabelecida na Lei Constitucional 6001 e na própria lei que cria a Fundação Nacional do Índio. Ela tem parâmetros legais constituídos e toma aspectos particulares em função de cada estado.

**O FLU** — Do ponto de vista legal, o índio brasileiro está bem amparado?  
**SIDNEY** — Eu diria que sim. O problema é que a Lei 6001, que é o Estatuto do Índio, nunca foi cumprida em sua inteireza, embora já tramite outro estatuto no Congresso. Somos pródigos em fazer leis, melhorá-las, mas não nos preocupamos em cumprí-las.

**O FLU** — E o que impede o cumprimento dessas leis?  
**SIDNEY** — A Funai tem sob sua responsabilidade cerca de 10% do território nacional, onde o índio tem usufruto. Essas terras abrigam muitas riquezas como madeira, ouro e minérios, despertando um grande interesse da sociedade, até mesmo a nível internacional.

**O FLU** — Os garimpeiros são, de fato, os maiores inimigos dos índios?

**SIDNEY** — Eu não gosto das coisas colocadas de forma genérica. O inimigo do índio é aquele que, localizado na proximidade de uma comunidade indígena, tenta açambarcá-la. Mas entre os maiores açambarcadores das terras indígenas estão os garimpeiros e os madeireiros.

**O FLU** — Este é um fenômeno dos últimos dez anos ou um pouco mais?

**SIDNEY** — Antigamente tínhamos esse tipo de problema através do caucho (planta utilizada para extração da borracha), dos caçadores, da puaia (planta utilizada na fabricação de remédios) e também das criações, das grandes fazendas. Isso de certa forma perdeu a grande força e o movimento que se vê hoje nas terras indígenas é fundamentalmente dos garimpeiros do ouro, da cassiterita e dos minérios de um modo geral, além da questão da madeira. As fazendas diminuíram, na medida em que também diminuíram os incentivos fiscais para a Amazônia.

**O FLU** — Existe alguma idéia de valor sobre o acervo natural localizado em área indígena?

**SIDNEY** — Não. Seria um trabalho hercúleo, porque significaria o levantamento de todo um ecossistema. Mas é uma riqueza muito grande, e como tal, está sempre ameaçada. Onde há riquezas, em um País socialmente injusto como este, as pessoas tentam sobreviver dela de alguma forma. Ninguém nasce garimpeiro. Eles partem para isso como forma de sobrevivência. Todos eles são ex-seringueiros, ex-agricultores que não mais conseguiram sobreviver de suas atividades regulares.

**O FLU** — As comunidades indígenas fluminenses também são vítimas do flagelo provocado pelos garimpeiros e madeireiros?

**SIDNEY** — O que sobrou de índio no Rio de Janeiro foi muito pouco e isto é lamentável porque, no quadro nacional, este é um estado potencialmente rico. Neste estado ainda há índios em situação de grande constrangimento, com terras ainda por serem demarcadas, com problemas de assistência à saúde, à educação. Isso acontece nos estados do Sul, de um modo geral. É nos estados mais ricos que as comunidades indígenas estão em situação mais difícil.

**O FLU** — Por que esta situação é característica dos estados mais ricos do País?

**SIDNEY** — Não existem mais grandes áreas indígenas. As populações razoavelmente grandes possuem, no máximo, 5 mil hectares e a característica dos centros mais urbanizados, mais desenvolvidos, é a redução do território. O curioso é que nestes estados é onde mais se cultua a memória indígena. Os movimentos em defesa das comunidades indígenas acontecem aqui, onde sobraram pouquíssimos índios. E por isto mesmo, é onde eles poderiam ser melhor tratados e não são.

**O FLU** — A demarcação é o maior problema dos índios brasileiros?

**SIDNEY** — Eu não sei se o problema é exatamente demarcar. Eu diria que a demarcação dá um mínimo de tranquilidade para as comunidades, mas há terras por aí que foram demarcadas e o índio, dentro dessas terras, continua desamparado e morrendo vagarosamente. Paralelo à demarcação, tem que ser dada assistência à saúde, à educação. Não adianta ficar com os índios, já em um alto processo de convivência com não-índios, e continuar preocupado com os valores culturais. Temos que dar a ele a possibilidade de aprender, de se sustentar com dignidade. Não há dívida nenhuma de que comendo melhor, vivendo melhor, a questão cultural será exacerbada por ele mesmo. Com um pouquinho de ajuda nossa, teremos o índio mais integrado à comunidade social, participando melhor da nossa economia sem deixar de valorizar a sua própria tradição.

dos, mais desenvolvidos, é a redução do território. O curioso é que nestes estados é onde mais se cultua a memória indígena. Os movimentos em defesa das comunidades indígenas acontecem aqui, onde sobraram pouquíssimos índios. E por isto mesmo, é onde eles poderiam ser melhor tratados e não são.

**O FLU** — A demarcação é o maior problema dos índios brasileiros?

**SIDNEY** — Eu não sei se o problema é exatamente demarcar. Eu diria que a demarcação dá um mínimo de tranquilidade para as comunidades, mas há terras por aí que foram demarcadas e o índio, dentro dessas terras, continua desamparado e morrendo vagarosamente. Paralelo à demarcação, tem que ser dada assistência à saúde, à educação. Não adianta ficar com os índios, já em um alto processo de convivência com não-índios, e continuar preocupado com os valores culturais. Temos que dar a ele a possibilidade de aprender, de se sustentar com dignidade. Não há dívida nenhuma de que comendo melhor, vivendo melhor, a questão cultural será exacerbada por ele mesmo. Com um pouquinho de ajuda nossa, teremos o índio mais integrado à comunidade social, participando melhor da nossa economia sem deixar de valorizar a sua própria tradição.

**O FLU** — O índio fluminense tem alguma particularidade no contexto nacional? Quais os problemas que o afetam?

**SIDNEY** — Eu acho que o maior problema das comunidades fluminenses é não ter-lhes garantido o que é mais importante para elas, que são as terras.

**O FLU** — Os fluminenses também vêm seus índios como intrusos?

**SIDNEY** — Apesar de quase 500 anos de contato conosco, nossa sociedade ainda o vê dessa forma. O branco ainda tem o estereótipo do índio preguiçoso, mau, ladrão. É necessário providenciar um trabalho para dar conhecimento à sociedade da presença do índio na conquista e no alargamento de nossas fronteiras. Ele participou da luta contra invasores, nos auxiliou na nossa inexistência, quando vínhamos da Europa. Com eles pudemos adquirir know-how para as grandes expedições e foi através do braço indígena que conquistamos o território nacional. Mais modernamente, eles participaram da Guerra do Paraguai e de tantos outros eventos bélicos. Isso sem falar nos nossos hábitos alimentares, nos nossos nomes...

**O FLU** — Os Guarani Mbyás do distrito de Bracni, em Angra dos Reis, estão com sua questão de demarcação emperrada na Procuradoria Geral do Estado há quatro anos. De que forma a Funai pode interferir e agilizar esse processo?

**SIDNEY** — Temos uma Justiça neste País sabidamente morosa. O sistema é arcaico, não conseguiu se renovar. Há poucos juizes, não há verbas, não há computadores. Tudo isso faz com que cada juiz tenha uma carga imensa... Nossos processos, quer nas procuradorias estaduais, ou até mesmo em instâncias superiores, como no Supremo Tribunal... Há questões dessa natureza que estão comemorando dois decênios... Não há dúvidas de que tudo isso é um trabalho contra o índio...

**O FLU** — Os Guarani Mbyás do distrito de Bracni, em Angra dos Reis, estão com sua questão de demarcação emperrada na Procuradoria Geral do Estado há quatro anos. De que forma a Funai pode interferir e agilizar esse processo?

**SIDNEY** — Temos uma Justiça neste País sabidamente morosa. O sistema é arcaico, não conseguiu se renovar. Há poucos juizes, não há verbas, não há computadores. Tudo isso faz com que cada juiz tenha uma carga imensa... Nossos processos, quer nas procuradorias estaduais, ou até mesmo em instâncias superiores, como no Supremo Tribunal... Há questões dessa natureza que estão comemorando dois decênios... Não há dúvidas de que tudo isso é um trabalho contra o índio...

**O FLU** — Premeditado? **SIDNEY** — Como eu posso dizer que a Justiça tem premeditação contra os índios? De certa forma seria até injusto. Temos em algumas áreas procuradores, juizes que se interessam muito e se esforçam muito. O fato é que, como sociedade minoritária, o índio é inserido em um arcabouço jurídico que ele não construiu, que não pertence ao seu universo, que o submete e ele fica sem entender o porquê das coisas.

**O FLU** — A Funai pode interferir na questão dos Guarani de Angra?

**SIDNEY** — Estamos interferindo. Nosso departamento tem cobrado, através de comissões. Temos uma comissão tratando exatamente dessas áreas localizadas no Rio de Janeiro, na tentativa de agilizarmos seu processo de demarcação. Mas a coisa quando passa pela ordem legal, quando está nas mãos de juizes, fica difícil pressioná-los. Mas eu acredito que o esclarecimento disso aos juizes, da dependência dessas comunidades, que têm a Funai falando por

elas... Se a Funai falhar, quem as defenderá?

**O FLU** — E em relação aos índios de Paraty, cujo processo não foi sequer iniciado?

**SIDNEY** — Nós temos no Brasil mais de duas centenas de áreas a serem estudadas, a serem demarcadas, homologadas, desintruzadas. E esse problema é com comunidades maiores. Imagina com os pequenos núcleos, com três, quatro, cinco famílias... Seria um trabalho infinito, porque temos várias comunidades dispersas. No caso dos índios urbanos o problema é mais sério, porque estão em áreas onde a disputa pela terra é muito mais difícil. As terras nestas áreas são extremamente valorizadas...

Mas é um trabalho que vamos tentar, na medida em que sobrevivermos. Hoje eu diria que há um grande complô nacional contra a Fundação Nacional do Índio. Passamos por um momento em que mais se acirra a animosidade contra as comunidades indígenas. Vemos periódicos, revistas, pessoas até bem postas da intelectualidade brasileira, dizendo barbaridades do tipo "é muita terra para pouco índio" etc. E há governadores de estado ajudando nesse processo, assumindo uma postura contra o índio.

**O FLU** — O enfoque dado à questão do Paikakan, o senhor coloca, nessa situação?

**SIDNEY** — Coloco. É numa situação superdimensionada. As coisas não se passaram da forma como foi anunciada, de forma que me faz crer que houve um sentimento maior, além da informação. O sentimento talvez fosse esse ranço nacional contra o índio.

**O FLU** — Já que falamos nisso, como é que a Funai analisa a questão do Paikakan?

**SIDNEY** — O Paikakan é um homem como outro qualquer, que cometeu um erro, não daquela forma como foi dita. Nem relação sexual ele teve com a moça... As coisas se passaram de uma outra forma. Mas eu acho que o grande problema no caso Paikakan é querer, através das publicações, e eu não es-

religiosos e um dos povos mais sofridos. Nesse País, até nós buscamos o nosso paraíso.

**O FLU** — Em relação aos índios do Mato Grosso do Sul. Os suicídios ainda ocorrem?

**SIDNEY** — Todos têm falado que o suicídio dos Guarani está centrado na questão da perda das terras, mas não é só isso. A coisa é muito mais complexa. Se for feito um levantamento histórico, serão vistos suicídios registrados há muitos e muitos anos. Esse comportamento é bem próprio daquela comunidade. Hoje pode estar exacerbado em função da perda da terra, dos valores, mas esses não são os fatores fundamentais. O suicídio está embasado nos valores culturais daquele povo.

**O FLU** — Como a Funai vê a invasão das religiões, principalmente das evangélicas, nas sociedades indígenas?

**SIDNEY** — O fato é que a Constituição falava na integração harmoniosa e progressiva do índio na sociedade. Mas houve uma mudança constitucional, através da qual a União passa a respeitar os valores, as tradições, sua forma de viver, inclusive sua religiosidade, de forma que não me parece respeitoso aos índios a entrada de missionários para fazerem proselitismo religioso no interior das comunidades. Por isso estamos tentando mudar os acordos que tínhamos com alguns grupos religiosos, no sentido de colocarmos isso de modo bem mais prático.

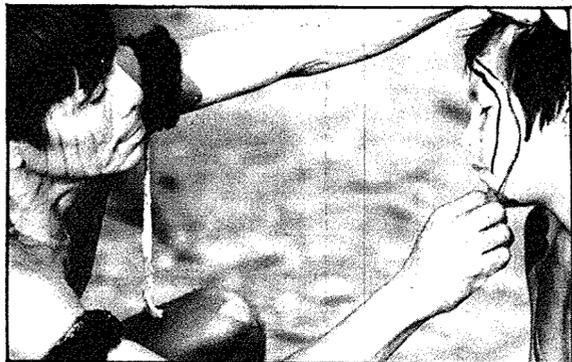
**O FLU** — E de que forma se daria esse pragmatismo?

**SIDNEY** — Eu acho que os povos religiosos podem dar uma grande contribuição aos povos indígenas, na medida que fiquem junto com os índios, com a Funai, dando assistência à educação, à saúde, à preservação do meio ambiente, mas não para fazer proselitismo religioso.

**O FLU** — Ainda que essa ajuda traga em seu bojo a aculturação religiosa?

**SIDNEY** — Durante mais de 20

*"Como vou dizer que a Justiça premedita contra o índio?"*



Apesar das agressões, tribos continuam mantendo tradições

anos de minha vida eu passei fazendo expedições e vi vários povos saírem para o primeiro contato com a civilização. Eu mesmo participei e chefiar equipes que mantiveram esses primeiros contatos. Se analisarmos friamente a questão da felicidade humana, eu diria que dentro da simplicidade de vida deles, eles são mais felizes do que nós. Mas já que uma vez inseridos nessa sociedade que leva tudo de roldão, temos que dar aos índios as ferramentas que lhes garantam sobreviver dentro de nosso processo econômico. Acho que não devemos privá-los da cultura do conhecimento. Devemos dar-lhes o mínimo de conhecimento, para que saibam exatamente em que ponto estão em sua própria história. Somente tendo a visão do que é a nossa sociedade que poderão decidir por uma maior integração ou pelo recuo. Devemos lhes garantir a livre expressão de seus vontades. Acho que participar economicamente tem sido a tendência. Mas na medida em que participam, certos valores tradicionais vão cedendo espaço a novas coisas que vão chegando. Há uma certa contradição, mas me parece que o processo histórico é mais ou menos esse.

**O FLU** — Recentemente o senhor sobrevoou os Yanomamis, em Roraima. O que viu por lá?

**SIDNEY** — Fiquei muito preocupado com duas coisas: uma foi o afastamento da Fundação Nacional de Saúde, a outra questão que me preocupou foi o retorno dos garimpeiros. Quando acabaram os recursos disponíveis para a operação Yanomami, teria sobrado naquele território um residual de 100 garimpeiros. Pelo menos essa foi a análise do pessoal da Funai que lá estava, quando foram retirados milhares de garimpeiros. Isso agora começou a aumentar e já se fala em 700 ou 800 garimpeiros atuando lá dentro. Se não tomarmos uma medida imediata, o que vai acontecer é que todo esforço governamental no sentido de livrar os Yanomamis da presença dos garimpeiros vai se perder.

**O FLU** — Como é que anda a questão de verbas da Funai? Há dinheiro para suas operações?

**SIDNEY** — Apresentamos um orçamento para este ano e no Congresso Nacional ele foi cortado em 90%. Posteriormente, o governo contingenciou 25% dos 10% aprovados. Isto significou a aprovação de 7,5% do orçamento original, dos quais nós recebemos até agora apenas 5,2%.

**O FLU** — E isso significa quanto em termos de moeda?

**SIDNEY** — Isso dá uma quantia irrisória que dá apenas para pagar o salário de nosso pessoal.

**O FLU** — O Museu do Índio, no Rio de Janeiro, luta por reformas. Há infiltrações e goteiras na maioria de seus departamentos e a invasão de cupins vem preocupando o pessoal, no sentido de que isso pode destruir o que há de registro da memória das nações indígenas para salvar este espaço?

**SIDNEY** — Já há um princípio de reforma. O teto estava desabando sobre a cabeça dos funcionários. Mas o museu é um espaço complexo do ponto de vista da recuperação, porque ela terá que obedecer determinadas características. O museu é tombado pelo Patrimônio Nacional e isto a torna mais difícil neste momento em que, segundo informações do governo, são grandes os apertos econômicos.

**O FLU** — A crise política está afetando a Funai de alguma forma?

**SIDNEY** — A minha responsabilidade como participante e como cidadão me constrange. Quando os poderes constituídos estão em crise, é claro que nos afeta. Eu não desejo isso, de coração, nem ao presidente Collor, nem a qualquer um que o suceda.

**O FLU** — As comunidades indígenas brasileiras tiveram mais ganhos ou mais perdas com o governo Collor?

**SIDNEY** — Mais ganhos. Eu tenho dito que os índios não dão sorte neste País. Quando aparece um presidente da República que se interessa um pouco mais pela questão indígena, acontece alguma coisa que atrapalha tudo. O governo Collor nos auxiliou bastante, dando sinal verde para implementarmos as áreas indígenas, homologar terras. Tivemos um significativo avanço nessa questão de terras.

**O FLU** — Mesmo não dando dinheiro para viabilizar suas necessidades?

**SIDNEY** — Estamos com dificuldades e falta recursos para demarcar terras, mas ainda assim conseguimos avançar. Poderia ter sido melhor, como poderá ser melhor ainda com qualquer outro presidente da República ou da Funai. Mas estamos preocupados sobretudo porque no final de 93 acaba o prazo constitucional para as demarcações, faltam ser demarcadas cerca de uma centena de terras e, lamentavelmente, a falta de recursos impediu que essa meta fosse consolidada.

**O FLU** — Quantos índios ainda existem no País?

**SIDNEY** — Há um número oficial de 230 mil índios. Por incrível que pareça, há comunidades que têm demonstrado crescimento. Mas por outro lado, há muitas perdas injustificáveis. O pessoal morre por falta de atendimento na área de saúde, porque faltam medicamentos e pessoal qualificado.

**O FLU** — Como é que anda a questão da saúde entre os índios?

**SIDNEY** — Lamentável. Saíram quatro decretos no ano passado que trouxeram mais confusão à questão do atendimento à saúde indígena. A rigor, a Funai não tem mais responsabilidades sobre a saúde. São decretos

inconstitucionais, porque temos a lei que delega esses papéis à Funai e não seriam decretos que mudariam o que está consagrado pela lei. Nessa regra, alguns órgãos começaram a receber recursos e o que ocorreu foi que eles ficaram com os recursos e nós ficamos com os índios.

**O FLU** — Quais decretos são esses e quais órgãos saíram beneficiados?

**SIDNEY** — Os de número 23, 24, 25 e 26. Com eles, a saúde indígena estaria com o Ministério da Saúde, as atividades de produção estaria ligadas ao Ministério da Agricultura, a educação ao Ministério da Educação e as atividades de proteção ambiental e territorial à Secretaria Nacional de Meio Ambiente.

**O FLU** — O senhor então defende a centralização?

**SIDNEY** — O Ibama, para desenvolver suas atividades, precisa de outros órgãos. O mesmo se dá com a Funai, principalmente porque trabalha com grandes extensões. Saúde indígena é cara, se passa em áreas distantes. Falo das comunidades mais distantes, que exigem toda uma infraestrutura de atendimento, helicópteros, aviões, dias e dias subindo um rio de barco para entrar na selva... Isto é muito caro e não está sendo levado a sério. Mas para os índios urbanos bastaria um pequeno convênio hospitalar nas proximidades e eu não entendo porque isso não é feito.

**O FLU** — Os índios precisam, necessariamente do sistema de saúde de branco?

**SIDNEY** — No estágio em que estão hoje precisamos. Nós introduzimos situações estranhas a eles, principalmente no que se refere à questão das doenças infectocontagiosas, que necessitam de tratamento com antibióticos ou vacinas de prevenção.

**O FLU** — Há casos de Aids em comunidades indígenas?

**SIDNEY** — Houve dois casos no Sul do País. Mas ambos os casos foram com índios em elevado contato com o branco e que não moravam nas comunidades e somente as visitavam.

**O FLU** — A dobradinha Raoni-Sting trouxe algum benefício para o índio brasileiro?

**SIDNEY** — Eu diria que sim. Muita gente não gosta, tem ciúmes. Não fazemos nada por nossos índios, mas quando vem alguém de fora e faz, a ciúmeira aparece. Houve um grande esforço do Raoni, que é um homem interessado por seu povo. Eu o conheço bem e desde jovem... Ele não vende madeira, é contra madeireiro, contra garimpo, quer manter as tradições dentro da reserva. Isso se contrapõe a outros Caia-pós, como os do Pará, que pensam de forma diferente. O Raoni é uma

boa alma, que em determinado momento conheceu o Sting, que deixou de lado suas atividades para dar o maior apoio, saindo com Raoni por aí, conseguindo recursos, de forma que hoje estamos em processo de demarcação de suas terras e o Sting ajudou para isso, sem dívida nenhuma.

**O FLU** — Quantas nações indígenas existem no Brasil?

**SIDNEY** — 180. As maiores seriam os macuxis, em Roraima, os cikumans, na fronteira do Amazonas... São comunidades com mais de 30 mil habitantes. Há ainda o Sul do País, com algumas comunidades caiangangues. Temos também uma grande variedade de núcleos pequenos, com menos de mil pessoas.

**O FLU** — voltando à questão da crise, o senhor não acha que integrar um governo neste grau de comprometimento em que mergulhou o presidente Collor prejudica sua imagem, após 25 anos de atividades junto aos índios?

**SIDNEY** — Não. Eu não acho que circunstâncias atrapalhem toda uma trajetória de respeito aos índios.

**O FLU** — O senhor acha que sua gestão à frente da Funai pode desabar com o governo?

**SIDNEY** — Se isto acontecer, passo o cargo com a mesma naturalidade que o assumi e volto à minha condição de simples funcionário da Funai como sertanista.

**O FLU** — Como é que anda a questão da saúde entre os índios?

**SIDNEY** — Lamentável. Saíram quatro decretos no ano passado que trouxeram mais confusão à questão do atendimento à saúde indígena. A rigor, a Funai não tem mais responsabilidades sobre a saúde. São decretos

inconstitucionais, porque temos a lei que delega esses papéis à Funai e não seriam decretos que mudariam o que está consagrado pela lei. Nessa regra, alguns órgãos começaram a receber recursos e o que ocorreu foi que eles ficaram com os recursos e nós ficamos com os índios.

**O FLU** — Quais decretos são esses e quais órgãos saíram beneficiados?

**SIDNEY** — Os de número 23, 24, 25 e 26. Com eles, a saúde indígena estaria com o Ministério da Saúde, as atividades de produção estaria ligadas ao Ministério da Agricultura, a educação ao Ministério da Educação e as atividades de proteção ambiental e territorial à Secretaria Nacional de Meio Ambiente.